

Raça e eleição nos EUA: comentário ao pronunciamento de Obama

O pronunciamento de Barack Obama sobre as relações raciais nos EUA é analisado no contexto da escravidão no desenvolvimento do capitalismo. Apesar de identificar a natureza e origem do conflito racial, seu discurso não aborda o papel do Movimento dos Direitos Civis e sua tendência antiimperialista à época da morte de Martin Luther King. A presidência de Obama deve ser vista na perspectiva das necessidades atuais do imperialismo estadunidense e das fontes de apoio à sua candidatura. O artigo conclui que a eleição de Obama, embora um fato progressista na história mundial, não irá preencher as expectativas dos seus apoiadores sem pressão dos movimentos sociais.



Barack Obama's speech on race relations in the U.S. is analyzed in the context of slavery in the development of capitalism. While identifying the nature and source of existing racial strife, his speech fails to examine the role of the Civil Rights Movement and its anti-imperialist direction at the time of Martin Luther King's death. Obama's presidency must be viewed in the perspective of the current needs of U.S. imperialism and the sources of Obama's support. The article concludes that an Obama presidency, although a progressive event in world history, will not fulfill the expectations of his supporters without pressure from social movements.

Jeffrey Frank: Advogado e diretor da *National Lawyers Guild*, em Chicago. Atua na área dos direitos humanos, com destaque para a questão da Palestina e o apoio ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no Brasil.

1 O DISCURSO DE OBAMA E O “PECADO ORIGINAL” DA AMÉRICA

É dito com freqüência que a raça é o “terceiro trilho” da política nos Estados Unidos – um tema tratado amiúde com cinismo, mas muito perigoso para ser discutido diretamente.¹ No discurso de 18 de março de 2008, o senador Barack Obama, então provável candidato do Partido Democrata a presidente dos EUA, tomou este terceiro trilho e confrontou o tema da raça na América. O pronunciamento foi feito, em parte, por conveniência política em virtude da superexposição, na televisão e na internet, do pastor de Obama, reverendo Jeremiah Wright.² Todavia Obama não fez um discurso denunciando os comentários inflamados contra o reverendo Wright. Pelo contrário, fez o mais completo pronunciamento sobre raça na América desde, talvez, a morte de Martin Luther King, Jr. Enquanto muitos comentaristas elogiaram o veemente discurso em que Obama falou aos americanos como se fossem adultos (um infeliz comentário sobre a natureza do discurso político nos EUA), poucos tiveram tempo para analisar seu conteúdo, particularmente no contexto histórico do uso da raça na política eleitoral, em uma situação na qual um homem negro tem possibilidade real de ser eleito presidente dos Estados Unidos.

Este comentário sobre o pronunciamento de Obama aborda essa história e as limitações inerentes num discurso sobre raça por um candidato à presidência dos EUA. Sigo o texto do pronunciamento de Obama, expandindo o que ele disse e comentando o que ele não disse.³

“ ‘Nós o povo, de modo a formar uma união mais perfeita.’⁴ Duzentos e vinte anos atrás, num salão que continua de pé, do outro lado da rua, um grupo de homens unidos e, com essas palavras simples, lançaram o improvável experimento da América na democracia. Fazendeiros e acadêmicos; homens do governo e patriotas que atravessaram o oceano para escapar da tirania e perseguição finalmente fizeram a sua verdadeira declaração de independência na convenção da Filadélfia que durou até a primavera de 1787.

O documento que eles produziram foi eventualmente assinado, mas em última instância não terminado. Foi marcado pelo pecado original de escravatura dessa nação, uma questão que dividia as colônias e trouxe a convenção a um impasse, até que os fundadores decidissem permitir que o comércio de escravos continuasse, por pelo menos mais vinte anos, e deixassem a resolução final para as futuras gerações.”

Como parte do “pecado original da escravidão,” a Constituição tratou escravos como três quintos de um ser humano para determinar direitos eleitorais e representação no Congresso. A escravidão continuaria por mais 76 anos até terminar durante a Guerra Civil com a “Proclamação Emancipatória”, em 1º de janeiro de 1863.⁵ Obviamente, uma parte da história comumente não contada da vitória da União (o norte, isto é, os Estados não-separatistas) na Guerra Civil e, talvez, a verdadeira razão da “Proclamação Emancipatória”, era a imensa quantidade de trabalho que os escravos libertos forneceram ao Exército da União. Ao fim da Guerra Civil, cerca de 179 mil homens negros (10% dos soldados da União) serviram no Exército e 19 mil na Marinha. Aproximadamente 40 mil soldados negros morreram durante o curso da guerra – 30 mil de infecções ou doenças. Soldados negros serviram nos regimentos de artilharia e infantaria, assim como realizaram as funções de apoio que também sustentam um Exército.⁶ A Guerra Civil foi a mais violenta luta que os Estados Unidos passaram desde a revolução da Independência (1776). A enorme quantidade de mortos e a destruição não se equiparam a nenhum conflito desde então – mais de 620 mil mortos entre soldados da União e Confederados, de uma população estimada em 35 milhões. Houve um extenso dano à infra-estrutura, capacidade produtiva e outras propriedades, especialmente no sul, onde ocorreu a maioria das batalhas. As melhores estimativas são que esta guerra custou 20 bilhões de dólares, dos quais 7,4 bilhões em danos a propriedades do sul.⁷

Todavia a vitória da União foi mais do que a vitória do “trabalho livre” sobre o “trabalho escravo”. Ela sinalizou o desen-

volvimento dos Estados Unidos como uma potência industrial baseada no capitalismo e no trabalho assalariado *versus* uma estrutura social agrária feudal, baseada no trabalho escravo. O maior triunfo da União foi o triunfo do capitalismo industrial⁸ – que permitiu a expansão territorial dos EUA para a Costa do Pacífico, depois das vitórias militares sobre os habitantes indígenas do território cobiçado pelos Estados Unidos.⁹ O desenvolvimento de indústrias militares durante a Guerra Civil fez dos EUA uma potência dominante no Hemisfério Ocidental e possivelmente no mundo.¹⁰

Logo após a Guerra Civil veio a “Reconstrução” (1865-1877),¹¹ um período que ofereceu alguma esperança de que escravos livres poderiam desenvolver-se econômica e culturalmente. A “Reconstrução” era parte das promessas de liberdade e igualdade do Pós-Guerra Civil, que incluíam a adoção da 13ª Emenda (proibindo a escravidão), 14ª Emenda (estendendo os direitos das dez primeiras emendas constitucionais (*Bill of Rights*), a leis estaduais e expandindo o próprio processo além da 5ª Emenda) e 15ª Emenda (estendendo o direito de voto aos homens negros). Estes direitos civis não foram convertidos em verdadeiros direitos políticos e econômicos até os conflitos cerca de um século depois. A promessa não cumprida de “40 acres e uma mula”¹² e a traição da Reconstrução levaram à re-escravização dos afro-americanos no sistema de parceria.¹³ A traição também acarretou o desenvolvimento das leis “Jim Crow”¹⁴ de segregação social, cultural e econômica – o *apartheid* americano –, acompanhado por um reinado de terror contra os negros, mediante linchamentos, surras e outras intimidações projetadas para mantê-los “em seu lugar”. Em última análise, a segregação foi incorporada em uma moldura legal na chamada doutrina “separado, mas igual”, em que os negros foram certamente separados, mas suas condições eram tudo menos igual.¹⁵ Ao tempo que tinham o direito de votar e participar na política, este direito era efetivamente esmagado

pelo terrorismo. Desde a Guerra Civil até a década de 1950, as pessoas negras nunca interromperam a luta por igualdade, direitos econômicos e sociais, e participaram dos grandes movimentos da época (e.g. os movimentos de organização dos trabalhadores e dos sindicatos durante a Grande Depressão dos anos 1930).

2 O MOVIMENTO PELOS DIREITOS CIVIS

“Mesmo palavras no pergaminho não seriam suficientes para libertar escravos da servidão ou garantir a homens e mulheres de cada cor e credo seus plenos direitos civis e obrigações como cidadãos dos Estados Unidos. O que seria necessário era americanos, gerações após gerações, dispostos a fazer a sua parte – através de protestos e lutas nas ruas e nos tribunais, através de guerra e desobediência civil e sempre assumindo um grande risco – para estreitar a diferença entre a promessa de nossos ideais e a realidade de seu tempo.

Não precisamos narrar aqui a história da injustiça racial nos Estados Unidos. Mas precisamos lembrar que muitas das disparidades que existem na comunidade afro-americana de hoje remetem diretamente às desigualdades passadas adiante pela geração anterior que sofreu com o legado brutal de escravidão e Jim Crow. Escolas segregadas foram, e são, escolas inferiores; nós ainda não as ajeitamos, cinquenta anos após *Brown v. Board of Education*,¹⁶ e a educação inferior fornecida até agora, ajuda a explicar a persistente diferença no desempenho de estudantes negros e brancos de hoje.

A discriminação legalizada – em que os negros eram proibidos, freqüentemente pela violência, de possuírem propriedades, ou empresários afro-americanos de obter empréstimos ou proprietários negros de obter hipoteca do FHA (Federal Housing Authority), ou negros eram excluídos dos sindicatos, da polícia, do corpo de bombeiros – significou que famílias negras não poderiam reunir nenhuma riqueza expressiva para deixar às futuras gerações. Essa história ajuda a explicar a diferença de riqueza e renda entre negros e brancos, e os bolsões de pobreza que persistem em tantas comunidades urbanas e rurais.

A falta de oportunidade econômica entre homens negros, a vergonha e a frustração que advém de não poder sustentar a família, contribuíram para a erosão das famílias negras – um problema que pode ter piorado com as políticas de bem-estar social por muitos anos. A falta de serviços básicos em muitos bairros negros – área de lazer para crianças, ronda policial, coleta regular de lixo e código regulamentando a moradia – tudo ajudou a criar um ciclo de violência, doentia e negligenciada que continua a nos assombrar.

Esta é a realidade na qual o Reverendo Wright e outros afro-americanos de sua geração cresceram. Eles vieram de uma época no

final dos anos cinqüenta e início dos anos sessenta, um tempo em que a segregação ainda era lei sobre a terra e a oportunidade era sistematicamente constricta. O que se destaca não é quantos falharam em face da discriminação, mas, ao invés, quantos homens e mulheres venceram as dificuldades; quantos conseguiram fazer um caminho onde não havia caminho para aqueles que viriam após.”

Com essas palavras, Obama resumiu o impulso pelos direitos civis que foi a tarefa do reverendo Wright, dos homens e das mulheres da sua geração. Em 1968, muitas das forças que criaram o Movimento pelos Direitos Civis estavam no auge e iriam moldar a próxima geração política dos EUA. No começo do ano, as forças populares vietnamitas lançaram a ofensiva Tet que tornou claro ao mundo, em geral, e aos estadunidenses, em particular, que a guerra no Vietnã não poderia ser ganha militarmente e que seu governo os estava alimentando com um constante fluxo de mentiras. Isso levou Lyndon Johnson a desistir de um segundo mandato de presidente, em março, abrindo o caminho favoravelmente para Richard Nixon, eleito em novembro. Em fevereiro, ocorreu o massacre de Orangeburg (Carolina do Sul).¹⁷ O assassinato de Martin Luther King, Jr., no dia 4 de abril, foi seguido pela eclosão de rebeliões em mais de 100 cidades do país e incluiu o espetáculo das Forças Armadas dos EUA saltando de pára-quedas sobre Washington.¹⁸ O assassinato de Robert Kennedy (em junho) tirou de muitos negros a esperança de mudanças na arena eleitoral. Esses eventos, assim como os distúrbios da polícia na Convenção Democrática em Chicago (em agosto), eram parte da estratégia explorada por Nixon de estimular reações hostis na classe trabalhadora branca. Contudo, por esse este comentário centrado em raça e política, começo com o assassinato de King.

O assassinato de King encerrou definitivamente a era dos Direitos Civis.¹⁹ O Movimento pelos Direitos Civis tinha produzido mudanças extensas e decisivas na sociedade, cultura e política estadunidenses. Embora os direitos eleitorais para negros e a segregação de todos os aspectos da vida do negro não estivessem solucionados, a estrutura para a resolução agora

existia como resultado do *Civil Rights Act* (1964) e do *Voting Rights Act* (1965). Esses atos puseram fim ao *apartheid* legal. Apesar da estrutura jurídica assegurando o voto dos negros, a luta ainda levaria muitos anos e continua até hoje.²⁰

3 DO MOVIMENTO PELOS DIREITOS CIVIS AOS MOVIMENTOS POR JUSTIÇA ECONÔMICA E LIBERAÇÃO DO NEGRO

Quando os grandes revolucionários estavam vivos, as classes opressoras os perseguiam constantemente, recebiam seus ensinamentos com o mais selvagem rancor, ódio furioso e as mais inescrupulosas campanhas de mentiras e calúnias. Após sua morte, fizeram tentativas de convertê-los em ícones inofensivos, canonizá-los, por assim dizer, e circundar seus *nomes* com certo halo para o consolo das classes oprimidas e com o objetivo de enganá-las, ao mesmo tempo, que enfraqueciam a *essência* do ensino revolucionário, embotando seu teor revolucionário e o vulgarizando (Lenin, 1970:289).

Assim Lenin descreveu o tratamento dado a Karl Max após sua morte. O mesmo é verdade para Martin Luter King, após pouco mais de quarenta anos da sua morte.²¹ A postura profundamente revolucionária de King não se limitou à segregação e aos direitos civis. Em 1967, quase um ano antes do seu assassinato, King se voltou decididamente contra a guerra do Vietnã. Essa posição custou-lhe o apoio, embora limitado e hesitante, das instituições políticas, em particular, do presidente Lyndon Johnson.²² É importante examinar o discurso pronunciado por King no dia 4 de abril de 1967, em Nova Iorque, intitulado *Beyond Vietnam: a time to break silence*, com profundidade, bem como o trabalho de organização da “Marcha dos Pobres” em Washington, de modo a entender para onde conduzia o movimento e, talvez, por que King foi assassinado.²³

Nesse pronunciamento King discorreu sobre como se tornou contrário à guerra do Vietnã e a dificuldade “de opor-se [...] a políticas do governo, especialmente em tempos de guerra.” Embora soubesse das dificuldades que sua oposição poderia trazer, ele também disse:

[...] devemos nos alegrar, pois com certeza esta é a primeira vez na história da nossa nação que um número significativo de seus líderes religiosos decidiram passar de profetizar um patriotismo nivelador para os elevados argumentos de uma dissidência firme baseada nos mandatos da consciência e leitura da história.

A oposição de King veio, inicialmente, da compreensão de que o financiamento da guerra estava retirando recursos dos pobres. A partir daí, começou a entender que os pobres, e, particularmente, os pobres negros, constituíam a maioria de jovens lutando no Vietnã, quando suas liberdades não eram garantidas em casa. Por fim, King descobriu que a guerra representava o uso da força pelos EUA para resolver seus problemas e, como defensor da mudança não-violenta, “soube que nunca poderia levantar [sua] voz contra a violência dos oprimidos nos guetos sem primeiro ter falado claramente para o maior provedor da violência no mundo hoje – o [seu] próprio governo.”

Após uma discussão esclarecedora sobre a história do envolvimento dos EUA no Vietnã, no qual ele desnudou as mentiras que levaram à intervenção militar, King assumiu a análise antiimperialista do papel dos Estados Unidos no mundo. Em suas próprias palavras:

Cada vez mais, por escolha ou acidente, este é o papel que nossa nação assumiu – o papel daqueles que fazem a revolução pacífica impossível através da recusa de abrir mão dos privilégios e prazeres que vêm dos imensos lucros de investimentos no estrangeiro. Estou convencido que se vamos pegar o lado certo da revolução mundial, nós como nação precisamos passar por uma revolução radical de valores. Precisamos rapidamente começar a mudar de uma sociedade “orientada ao material” para uma sociedade “orientada à pessoa”. Quando máquinas e computadores, o lucro e os direitos de propriedade são considerados mais importantes que as pessoas, o gigantesco tripé do racismo, materialismo e militarismo é incapaz de ser dominado. A verdadeira revolução de valores irá em breve nos fazer questionar a equidade e justiça de muitas de nossas políticas passadas e atuais. Por outro lado, somos chamados a interpretar o bom samaritano na estrada da vida; mas isso será apenas o ato inicial. Um dia nós veremos toda estrada de Jericó transformada de forma que homens e mulheres não serão constantemente surrados e roubados enquanto caminham pela estrada da vida. Compaixão verdadeira é mais do que jogar moeda a um pedinte;

não é casual e superficial. É preciso ver que uma estrutura que produz pedintes precisa de reforma. A verdadeira revolução de valores vai logo parecer inquieta com o claro contraste de pobreza e riqueza. Com a devida indignação, olhará através dos mares e verá capitalistas do Ocidente investindo grandes somas de dinheiro na Ásia, África e América do Sul apenas para obter lucros sem preocupação com a melhoria social dos países, e dizer: “Isso não é justo.” Olhará nossa aliança com os latifundiários da América Latina e dirá: “Isso não é justo.” A arrogância ocidental de crer que tem tudo para ensinar aos outros e nada a aprender com eles não é justa. A verdadeira revolução de valores vai segurar a ordem mundial e dirá da guerra: “Essa maneira de ajustar diferenças não é justa.” Este negócio de queimar seres humanos com napalm, de encher as casas de nossa nação de órfãos e viúvas, injetar drogas envenenadas de ódio nas veias de pessoas normalmente humanas, mandar para casa homens que passaram por campos de batalha escuros e sangrentos física e psicologicamente incapacitados, não pode ser reconciliado com sabedoria, justiça e amor. Uma nação que continua, ano após ano, a gastar mais dinheiro em defesa do que em programas sociais aproxima-se da morte espiritual.

A perspectiva antiimperialista desenvolvida por King incluía o combate à pobreza em casa. Ao passar da defesa dos direitos civis à defesa da justiça econômica, ele perdeu apoio de muitos liberais, cujo conceito de igualdade parecia limitado à “igualdade legal” ao invés da igualdade de fato. Sua última campanha foi a “Marcha dos Pobres” em Washington, que procurou organizar milhares de pessoas para reivindicar justiça econômica. Então, King tinha uma perspectiva de classe.²⁴

De muitas formas, King já estava no caminho dos muitos de seus antigos aliados do Movimento pelos Direitos Civis. Por exemplo, neste momento, o Comitê de Coordenação Não-Violento de Estudantes (*Student Non-Violent Coordinating Committee* – SNCC), a tropa de choque do movimento, adotara a análise de classe marxista da sociedade americana, em geral, e da questão racial, em particular. A breve aliança do SNCC com o Partido “Pantera Negra” (1967-1968) e a subsequente organização nas fábricas de automóveis em Detroit são dois exemplos da radicalização do Movimento pelos Direitos Civis que se transformava em Movimento Antiimperialista de Liberação Negra.²⁵

Adicionalmente surgiu um movimento exigindo reparação pelo tráfico de escravos, pela escravidão e pelas leis *Jim Crow*. As demandas por indenizações vieram de muitas fontes e foram feitas contra o governo dos EUA, as empresas privadas e/ou os governos coloniais. O movimento continua até hoje, à medida que historiadores descobrem o papel das companhias privadas no comércio de escravos.²⁶

Em conjunto com as demandas por indenizações, vários métodos foram promovidos para eliminar o preconceito histórico contra afro-americanos. Entre esses métodos destaca-se a chamada ação afirmativa – cotas de admissões em colégios e escolas profissionais, na polícia e no corpo de bombeiros, em construções, etc., para as vítimas históricas do racismo. Muitas universidades adotaram programas de cotas para admitir estudantes de minorias; o governo federal e os estaduais exigiram que empreiteiras dos projetos públicos absorvessem certa percentagem de negros, latinos e mulheres entre seus empregados, assim como destinassem certa percentagem de contratos a negócios de propriedade dessas minorias. Tais práticas geraram considerável controvérsia e litígio. A Suprema Corte dos EUA regulamentou e aperfeiçoou as políticas de ação afirmativa diversas vezes.²⁷

Ademais, no final da década de 1960 e nos anos 1970, foram feitas demandas para acabar com a segregação em escolas públicas de modo a preencher os requisitos de *Brown v. Board of Education of Topeka, KS*. Essas batalhas tornaram-se calorosas e frequentemente violentas, pois os pais brancos resistiam a ter seus filhos transportados em ônibus para escolas fora da vizinhança de maneira a alcançar um equilíbrio racial.²⁸ A integração nas escolas públicas dos EUA criou uma situação especialmente problemática, explorada por políticos de direita em seu benefício.

4 A ESTRATÉGIA SULISTA DO PARTIDO REPUBLICANO

“Mas dentre todos os que agarraram com unhas e dentes os caminhos para alcançar um pouco do sonho americano, muitos não

conseguiram – aqueles que foram vencidos, de uma maneira ou de outra, pela discriminação. Este legado de derrota foi passado às futuras gerações – aqueles homens jovens e cada vez mais mulheres jovens que vemos em pé nas esquinas ou murchando em nossas prisões, sem esperança ou perspectiva de futuro. Mesmo para aqueles que chegaram lá, as questões de raça e racismo continuam a definir sua visão de mundo de uma maneira fundamental. Para os homens e mulheres da geração do Reverendo Wright, as memórias de humilhação, incerteza e medo não cessaram; nem cessaram a raiva e a amargura daqueles anos. Essa raiva pode não ser expressa em público, na frente dos colegas de trabalho ou amigos brancos. Mas ecoa no barbeiro ou ao redor da mesa da cozinha. Por vezes, essa raiva é explorada por políticos para obter votos ou disfarçar suas próprias falhas.

E, ocasionalmente, se manifesta aos domingos na igreja, nas tribunas e nos bancos. O fato de que tantas pessoas se surpreendam ao escutar essa raiva em alguns dos sermões do Reverendo Wright lembra simplesmente o velho ditado de que as horas mais segregadas da vida americana ocorrem nas manhãs de domingo. Essa raiva não é sempre produtiva; aliás, muito freqüentemente nos distrai da solução de problemas reais; essa raiva nos afasta de olhar de frente nossa própria cumplicidade em nossa condição e impede a comunidade afro-americana de realizar as alianças necessárias para a verdadeira mudança. Mas a raiva é real; ela é forte; e simplesmente afastá-la, condená-la sem entender suas raízes, serve apenas para alargar o abismo de malentendimento que existe entre as raças.

Na verdade, uma raiva similar existe dentro de segmentos da comunidade branca. A maioria dos americanos brancos da classe trabalhadora e média não sente que tenham sido particularmente privilegiados pela sua raça. Sua experiência é a experiência do imigrante – até onde podem perceber ninguém lhes deu nada, tiveram que construir tudo a partir do zero. Eles trabalharam duro a vida toda, muitas vezes apenas para ver seus postos de trabalho enviados ao exterior ou suas pensões descartadas após uma vida de trabalho. Eles estão ansiosos quanto a seu futuro e sentem seus sonhos fugindo; numa era de salários estagnados e competição global, a oportunidade começa a ser vista como um jogo de soma zero, no qual os sonhos dos outros se realizam e os custos são meus. Então quando lhes dizem para enviar suas crianças de ônibus para uma escola do outro lado da cidade; quando escutam que um afro-americano está levando vantagem na obtenção de um bom emprego ou de uma vaga num bom colégio devido a uma injustiça que, individualmente, nunca cometeram; quando lhes dizem que seus medos quanto a crimes em vizinhanças urbanas são, de certa forma, injustos, surgem antigos ressentimentos. Da mesma forma que a raiva na comunidade negra, esses ressentimentos não são sempre expressos de modo educado. Porém esses ressentimentos têm ajudado a moldar o panorama político por ao menos uma geração. A raiva contra o Estado do bem-estar e as ações afirmativas ajudou a formar a Coalisão Reagan. Políticos rotineiramente exploraram o medo de crime para seus próprios fins eleitorais. Apresentadores e comentaristas conservadores construíram

suas carreiras expondo falsas reclamações de racismo, enquanto dispensavam discussões legítimas sobre a injustiça racial e a desigualdade como meros atos politicamente corretos ou de racismo ao revés.

Assim como a raiva negra freqüentemente se mostrou contraprodutiva, da mesma forma esses ressentimentos brancos distraíram a atenção dos verdadeiros responsáveis pelo esmagamento da classe média – uma cultura corporativista de consumo, práticas contábeis questionáveis e ambições de curto prazo; uma Washington dominada por lobistas e interesses particularistas; políticas econômicas que favorecem poucos ao invés de muitos. E ainda, ignorar ressentimentos dos brancos americanos, rotulá-los de malconduzidos ou mesmo racistas, sem reconhecer que estão apoiados em preocupações legítimas – o que também amplia a divisão racial e bloqueia o caminho para o entendimento.”

Com essas palavras, Obama tanto desculpa quanto legitima a reação branca ao progresso ocorrido na comunidade negra. Ao fazer isso, também legitima a chamada “estratégia sulista” adotada com grande sucesso pelo Partido Republicano nos últimos quarenta anos.

A “estratégia sulista” é, em resumo, a exploração do medo e da raiva do branco diante de mudanças na sociedade, particularmente da conquista dos direitos civis pelos negros, com o objetivo de ganhar votos. Apesar de usada ostensivamente por Richard Nixon na eleição presidencial de 1968, a realidade é que, alguns anos antes, o Partido Republicano tinha explorado a raiva do branco e o racismo em seu próprio benefício.

A história começa após a Segunda Guerra Mundial quando, em 26 de julho de 1948, o presidente Harry S Truman assinou a *Executive Order 9981*, estabelecendo o Comitê Presidencial para Igualdade de Tratamento e Oportunidade no Serviço Militar. Essa medida foi acompanhada pela *Executive Order 9980*, que criou uma diretoria (*Fair Employment Board*) para eliminar a discriminação racial nos empregos federais. Estas duas ordens pavimentaram o caminho para a integração nas Forças Armadas e o começo das leis contra a discriminação no trabalho. Todavia também deram início ao movimento do Partido Democrático no sul, que tinha dominado a política sulista desde o final da Reconstrução. Agastado pela iminente integração

nas Forças Armadas e como resultado de uma luta na convenção do Partido Democrático sobre a pauta de direitos civis na plataforma partidária, Strom Thurmond, então governador da Carolina do Sul, concorreu à presidência, em 1948, pelo Partido dos Direitos dos Estados (*Dixiecrat*). A plataforma *Dixiecrat* visava, principalmente, apoiar a continuidade da segregação legal.²⁹ Os *Dixiecrats* venceram em quatro Estados sulistas naquela eleição.

As mudanças demográficas também haviam afetado a política do Partido Democrata. Após as levas de imigração europeia terem terminado com a Primeira Guerra Mundial, um grande número de negros migrou para o norte, centro-oeste e oeste em busca de emprego nas cidades industriais. Durante a Segunda Guerra Mundial, um crescente fluxo de afro-americanos deslocou-se do sul para as cidades industriais do oeste, centro-oeste e nordeste, substituindo a mão-de-obra branca que partira para a guerra. Esta migração foi somente uma parte da chamada “Grande Imigração” de negros do campo em direção às cidades industriais do norte e oeste.³⁰ Estes novos residentes votaram no Partido Republicano da mesma forma que gerações anteriores de trabalhadores e imigrantes haviam feito. Ademais, após a Segunda Guerra Mundial, muitos brancos do norte mudaram para o sul, sudoeste e oeste, freqüentemente procurando emprego nas indústrias de defesa que se tornaram parte permanente do complexo militar-industrial.³¹

Em 1964, o presidente Lyndon Johnson assinou o *Civil Rights Act*. Na eleição daquele ano, o senador Barry Goldwater enfatizou sua oposição a essa legislação e seu apoio aos “direitos dos Estados”. Ele tornou-se o primeiro republicano a vencer no “sul profundo” (Alabama, Geórgia, Louisiana, Mississippi e Carolina do Sul) desde a Reconstrução.³² Não era nada sutil o apelo republicano ao racismo mediante códigos de linguagem tais como “direitos dos Estados”.

Richard Nixon, visando resultados eleitorais em 1964, desenvolveu não somente uma “estratégia sulista”, mas uma estratégia destinada a apelar aos eleitores da classe trabalhadora branca, mesmo que o Partido Republicano fosse identificado como o partido dos empresários, pequenos e grandes. Essa estratégia foi elaborada por um jovem acadêmico chamado Kevin Phillips.³³ Nascido na cidade de Nova Iorque, distrito do Bronx, Phillips era um etnologista autodidata. Ele previu que apesar dos republicanos terem sofrido esmagadora derrota nas eleições de 1964, o partido poderia dominar a política americana desde o final da década de 1960 até o século XXI.³⁴ Phillips sugeriu que a classe trabalhadora estadunidense, formada por grupos étnicos de irlandeses, poloneses, italianos, etc., era hostil aos programas da *The Great Society* antipativava judeus, negros e ianques abastados (isto é, protestantes brancos ricos e velhos).³⁵ Suas teorias foram apresentadas entre 1964 e 1968 e estão resumidas no livro *The emerging republican majority*, publicado em 1969. Sua estratégia para uma maioria republicana é sucintamente a seguinte:

[...] de agora em diante [1968] republicanos nunca mais ganharão acima de 10 a 20 % dos votos dos negros e eles não precisam mais que isso [...]. Quanto mais negros registrarem-se como democratas no sul, mais cedo os brancos racistas deixarão os democratas e tornar-se-ão republicanos. É onde estão os votos. Sem essa alfinetada dos negros, os brancos irão voltar ao seu velho e confortável arranjo com os democratas locais.

Phillips foi extraordinariamente preciso em sua previsão e então, cinicamente, explorou a reação hostil dos brancos às conquistas dos direitos civis e econômicos dos negros. Os trabalhadores brancos cujo interesse econômico estava alinhado com o dos trabalhadores negros foram instigados a lutar entre si pelos poucos recursos alocados à classe trabalhadora. Essa clássica estratégia de “dividir e reinar” manteve-se surpreendentemente bem no decorrer dos anos, mesmo quando as par-

ticularidades da raiva e dos ressentimentos dos brancos mudaram ao longo do tempo. Obama reconheceu essa raiva em seu discurso, mas falhou em questionar sua verdadeira origem e propor uma solução correta de unidade. Obviamente, o interesse real de Obama não é a classe trabalhadora dos EUA.

Essa estratégia básica de Phillips de explorar a raiva e o ressentimento dos trabalhadores brancos serviu bem a sucessivos presidentes americanos. Ronald Reagan escolheu lançar sua campanha para a eleição de 1980 na Feira do Condado de Neshoba na Filadélfia, Mississippi, local de um dos mais notórios e brutais assassinatos da era dos direitos civis. Em 1964, três militantes do movimento (dois estudantes brancos do norte e um estudante negro do sul) foram assassinados e enterrados numa caixa num dique de terra, o que despertou grande atenção e nunca foi resolvido satisfatoriamente. O pronunciamento de Reagan enfatizou os “direitos dos Estados”, o não muito encoberto código de palavras para a supremacia branca. Ele também invocou a imagem da “rainha da prosperidade” – uma mulher negra que supostamente coletava inúmeros cheques da previdência social enquanto dirigia um Cadillac novo (um caso nunca documentado) – para incitar a raiva contra programas governamentais que procurava sucatear. Reagan impulsionou, ainda, a agenda política neoliberal enfocando questões que apelavam aos direitos religiosos, tais como aborto. Nesse ínterim, seus programas econômicos causaram a perda de milhares de empregos bem remunerados enquanto indústrias americanas se realocam nas nações em desenvolvimento para explorar mão-de-obra barata.³⁶

Na campanha presidencial de 1988, George H. W. Bush apareceu repetidamente em chamadas de televisão usando a imagem de um negro colocado em custódia por seu oponente, o governador de Massachusetts, Michael Dukakis, e que durante a custódia estuprou e assassinou uma mulher branca. Invocando a necessidade de “lei e ordem”, código para atizar o medo

de crimes de negros, Bush trabalhou diretamente a partir do livro texto de Richard Nixon cujo discurso de lei e ordem disfarçava um racismo pouco velado. George W. Bush usou a dita “cultura de guerra” para dividir o eleitorado, apoiando-se na oposição de cristãos evangélicos ao aborto e aos direitos e casamentos *gays* para colher votos suficientes para a reeleição, mesmo que a maioria dos americanos se opusesse à guerra no Iraque.

5 A ILUSÃO DO PROGRESSO

“O profundo erro dos sermões do Reverendo Wright não foi ter falado sobre racismo em nossa sociedade. Foi ter falado como se nossa sociedade fosse estática; como se nenhum progresso houvesse ocorrido; como se este país – um país que tornou possível a um de seus próprios membros concorrer ao mais alto posto nesta terra e construir uma coalisão de brancos e negros; latinos e asiáticos, pobres e ricos, jovens e velhos – e que ainda continua irrevogavelmente associado a um trágico passado. Mas o que sabemos – o que vimos – é que a América pode mudar. Este é o verdadeiro espírito dessa nação. O que já alcançamos nos dá esperança – a audácia da esperança – para o que podemos e devemos alcançar amanhã.”

Embora tenha havido certo progresso nas esferas política e social, não há como negar que o progresso econômico e social dos afro-americanos é marginal, na melhor das hipóteses. Comparativamente, os negros mal conseguem acompanhar os brancos.

Mesmo o progresso na arena política, tão anunciado com a indicação de Obama para presidente pelo Partido Democrata, é de certo modo ilusório. O *Voting Rights Act* de 1965 aumentou expressivamente a percentagem de eleitores negros. Contudo os negros foram eleitos apenas em pleitos locais e distritais onde eles são a maioria da população. Desde o final da Reconstrução houve apenas três senadores negros nos EUA³⁷: Edward Brook, republicano de Massachusetts (1966-1978); Carol Mosley Braun, democrata de Illinois (1992-

1998)³⁸; Obama, democrata de Illinois, eleito pela primeira vez em 2004. E, somente dois governadores negros foram eleitos: Doug Wilder, na Virgínia (1990-1994) e Deval Patrick, atual governador de Massachusetts.³⁹ Conseqüentemente, a tendência da maioria do eleitorado branco de votar em candidatos afro-americanos é mínima.

Na esfera econômica, o registro dos últimos quarenta anos é ainda mais pálido. Por exemplo, em 1967 a renda *per capita* dos negros era 54% da renda dos brancos.⁴⁰ Em 2005, essa percentagem subiu para apenas 57%. “Serão necessários 537 anos para que os negros alcancem igualdade de renda com os brancos se a taxa for próxima da que tem sido desde o assassinato do Dr. King.” A renda da família negra era de 11.800 dólares, comparada a 118.300 dólares para os brancos, variando entre 7% a 10% da renda da família branca de 1983 a 2005. Estas disparidades entre negros e brancos são replicadas para cada categoria econômica, incluindo a riqueza financeira média por família, a posse média de ações ao portador e o valor médio de aposentadoria.

Na área social, apesar do aumento considerável do nível educacional dos negros comparado aos brancos, com base em indicadores de conclusão do 2º grau nos últimos quarenta anos, os negros só alcançarão os mesmos indicadores de conclusão do 2º grau dos brancos em 2018 e do 3º grau em 2087.

Conforme mostra um estudo, o percentual de encarceramento na América é, em geral, extraordinariamente alto (um em cada cem americanos está na cadeia). Todavia, “para alguns grupos, os números de encarceramento são especialmente assustadores. Enquanto um em cada trinta homens entre as idades de 20 a 34 anos está preso, para os homens negros dessa faixa etária a proporção é de um em cada nove.”⁴¹ E, ainda, dois relatórios apontaram que a taxa de negros na prisão por crimes relacionados a drogas era desproporcionalmente mais alta

que a de brancos, apesar da taxa de uso por raças ser aproximadamente igual.⁴² Um desses relatórios concluiu o seguinte:

Muito antes de lançar “a guerra contra o terror”, os Estados Unidos lançou a chamada “guerra contra drogas”, um dispositivo legal e esforço de controle contra o crime objetivando seu próprio povo. Ostensivamente daltônica, a guerra contra as drogas dos EUA foi e continua sendo preponderantemente usada contra negros americanos. Apesar dos americanos brancos constituírem a larga maioria dos delinqüentes por drogas, as comunidades afro-americanas continuam a principal “frente de batalha” neste esforço injusto.⁴³

Embora não haja dúvida de que muitos negros obtiveram sucesso econômico e social desde 1968, a visão de Obama sobre o progresso dos negros americanos continua subjetiva e absoluta. É claro que não se pode avaliar o progresso dos negros isoladamente. Tal análise deve ser fundamentada numa comparação tanto com outros segmentos sociais como com o conjunto da sociedade. Baseado numa análise comparativa, os negros têm melhorado pouco em relação aos brancos. A sociedade americana como um todo continua dividida em duas – amplamente desigual.⁴⁴

6 AGENDA DE OBAMA E FONTES DE APOIO

“Sou filho de um homem negro do Quênia e de uma mulher branca do Kansas. Cresci com a ajuda de um avô branco que sobreviveu à Depressão para servir no Exército de Patton durante a Segunda Guerra Mundial e uma avó branca que trabalhou na linha de montagem de bombardeiros em Fort Leavenworth enquanto ele estava no estrangeiro. Estive nas melhores escolas da América e vivi em uma das nações mais pobres do mundo. Sou casado com uma negra americana que carrega o sangue de escravos e donos de escravos - uma herança que passamos a nossas duas preciosas filhas. Tenho irmãs, irmãs, sobrinhas, sobrinhos, tios e primos, de cada raça e cada cor, espalhados em três continentes, e enquanto viver, jamais esquecerei que em nenhum outro país na terra minha história seria possível.

É uma história que não fez de mim o candidato mais convencional. Mas é uma história que sedimentou em minha formação a idéia de que esta nação é mais que a soma de suas partes – dentre muitos, somos verdadeiramente únicos.

Ao longo do primeiro ano desta campanha, contra todas as previsões em contrário, vimos quão famintos dessa mensagem de uni-

dade estavam os americanos. A despeito da tentação de enxergar minha candidatura através de uma lente puramente racial, tivemos expressivas vitórias em estados com algumas das populações mais brancas. Na Carolina do Sul, onde a bandeira confederada continua a flamejar, construímos uma forte coalisão de afro-americanos e americanos brancos.”

Como revela este trecho de seu pronunciamento, Obama procura apresentar-se como um candidato “não-racial”. Negar a questão racial numa América obcecada com raça é, no mínimo, curioso. Para entender as origens de Obama, sobretudo sua auto-análise de ser fruto de mãe branca e pai africano, precisamos observar quem está bancando sua candidatura à presidência.

Supostamente, Obama, então, estava concorrendo como um candidato de unidade. Ele afirma que tem amplo apoio, particularmente financeiro. Em junho de 2008, rejeitou o uso do fundo público de campanha arguindo que o sistema não funcionava e que sua arrecadação de pequenas quantias pela internet era um “sistema paralelo” de financiamento público.⁴⁵ O comitê eleitoral de Obama argumenta que a maioria das contribuições é inferior a 100 dólares e que não aceita contribuições de lobistas. Talvez Obama consiga levantar quantias bem maiores do que aquelas advindas do financiamento público, mas não por meio de pequenas contribuições da internet.

A realidade é que a vasta quantidade das contribuições de Obama vem de indivíduos extremamente ricos, muitos deles sócios de escritórios de advocacia que têm uma forte prática lobista. Obama fez amplo uso de intermediários (*bundlers*)⁴⁶ para arrecadar fundos e tem conseguido quantias recordes de dinheiro durante a campanha primária. Conforme artigo do *Washington Post*:

[...] setenta e cinco *bundlers*, cinco deles bilionários, utilizaram suas redes de contatos pessoais para levantar pelo menos 200.000 dólares cada. Eles têm ajudado a campanha reunindo mais de 27 mil doadores que preencheram cheques de 2.300 dólares, o máximo

permitido. Doadores que contribuíram acima de 200 dólares representam cerca da metade do total arrecadado por Obama, o que chega a cerca de 240 milhões de dólares.⁴⁷

Obama começou a compilar listas de doadores na campanha para senador de 2004. Foi apoiado por alguns dos mais influentes corretores em Chicago, incluindo Penny Pritzker (chefe do seu comitê nacional de finanças), a herdeira milionária do *Hyatt Hotels* e a elite da comunidade de negócios afro-americana de Chicago, tal como Desiree Rogers, chefe do serviço de gás natural *People's Gas*.

Esse tipo de suporte financeiro continuou durante a campanha presidencial. A relação de doadores "inclui sócios dos 18 maiores escritórios de advocacia, 21 executivos de *Wall Street* e corretores citados na revista *Fortune 500 companies*."⁴⁸

Em 31 de março de 2008, o UBS, segundo maior banco da Europa, doou acima de 165.000 dólares para sua campanha. A Exelon corporation, maior operador de usinas nucleares dos EUA, doou quase 160.000 dólares. O investimento Goliath, Goldman Sachs, também forrou os bolsos da Barack Inc. com mais de 143.000 dólares. O Citigroup doou bem acima de 50.000 dólares com a Morgan Stanley logo atrás com 40.000 dólares. *Wall Street* está por trás de Obama.⁴⁹

Sete dos maiores catorze doadores da campanha de Obama são executivos e empregados de firmas de *Wall Street*.⁵⁰ Certamente, um dos pontos mais irônicos deste apoio é que *Wall Street* continua o baluarte dos homens brancos. Somente 1% a 3,5% dos corretores de ações e praticamente nenhum sócio das firmas de *Wall Street* são negros.⁵¹

A insistência de Obama de que não recebe dinheiro de lobistas é, na melhor das hipóteses, pouco engenhosa. Tal assertiva baseia-se no fato de que o candidato aceita contribuições dos escritórios de advocacia e associados, mas não de lobistas dessas firmas, como se alguma "parede" separasse lucros do *lobby* dos lucros dos serviços jurídicos.⁵²

Claro que tudo isso leva a questionar: dada a aversão histó-

rica da classe dominante aos afro-americanos, a grande distância inter-racial utilizada no passado para impedir os negros de votar e dividir a classe trabalhadora americana, porque as elites apóiam Obama? Conforme Pam Martens, que trabalhou em *Wall Street* por vinte e um anos:

Estamos sendo solicitados a aceitar a idéia de que mais de dois séculos de racismo enraizado neste país, que viu apenas cinco membros negros no Senado americano, estão sendo erradicados com alguns excitantes discursos improvisados. Somos solicitados a crer que aqueles gentis executivos brancos em todas as grandes empresas de *Wall Street*, que figuram entre os vinte maiores doadores da campanha presidencial de Obama, após fracassarem em obter mais de 3,5 % de negros corretores durante trinta anos, agora querem um populista negro presidente porque precisam de um campo de jogo nivelado para os americanos.⁵³

Em parte a resposta repousa no fato de que Obama, então, estava tentando conduzir uma campanha “racialmente neutra”. Neutralidade racial tem sido território da direita por anos, incluindo a oposição às ações afirmativas e um esforço para eliminar todas as compilações estatísticas baseadas em raça. Por exemplo, Ward Connolly, um afro-americano conservador, vem tomando iniciativas eleitorais em inúmeros estados para terminar com a ação afirmativa em audiências públicas, contratações e admissões nas universidades. Neutralidade racial presuppõe que a discriminação histórica contra os negros foi resolvida e que existe igual oportunidade para todos. Embora a raça possa não ser a principal contradição nos EUA, o legado da escravidão e das leis *Jim Crow* coloca o problema de corrigir as desigualdades na maioria da sociedade, não nas vítimas desse legado. O fato de Obama ter se tornado um candidato de tal neutralidade racial indica em que bases a elite o apóia. Seu discurso, apesar de aparentemente abordar a importância da raça, na verdade, nega as desigualdades raciais históricas, igualando a angústia dos brancos acerca do transporte escolar e da ação afirmativa ao racismo institucionalizado sofrido pelos afro-americanos. Obama está disposto a “aceitar” a ação

afirmativa desde que seja o tipo certo de ação afirmativa. Seus pronunciamentos para audiências negras retrocedem ao enfatizar a responsabilidade dos pais, mas não discutem como ele resolveria o racismo enraizado.

Talvez parte da resposta para “por que Obama e por que agora?” seja que ele deixará os brancos americanos “fora do gancho” pelo racismo institucionalizado. Obama não ameaça os brancos e evidentemente não fará pressão para compensar as injustiças decorrentes do genocídio de nativo-americanos ou da escravidão.⁵⁴ Isso, de certo modo, o torna um candidato aceitável.

7 A NEGAÇÃO DE CLASSE SOCIAL DE OBAMA

“Mas se formos [pegos na controvérsia do Reverendo Wright], posso lhes dizer que na próxima eleição estaremos falando sobre alguma outra distração. E sobre outra, e outra. E nada mudará.

Esta é uma opção. Ou, nesse momento, nessa eleição, podemos nos juntar e dizer, ‘dessa vez não.’ Este é o momento que queremos conversar sobre as escolas sucateadas que estão roubando o futuro das crianças negras, das crianças brancas, das crianças asiáticas, das crianças hispânicas e das crianças nativo-americanas. Dessa vez, queremos rejeitar o cinismo que nos diz que essas crianças não podem aprender; que aqueles garotos que não se parecem conosco são o problema de outra pessoa. As crianças da América não são aqueles garotos, eles são nossos garotos, e não vamos deixá-los para trás numa economia do século XXI. Dessa vez não. Dessa vez queremos falar sobre como as filas da emergência estão cheias com brancos e negros e hispânicos que não têm plano de saúde; que não têm poder para vencer os interesses particularistas em Washington, mas que podem alcançá-los se fizermos isso juntos.

Dessa vez queremos conversar sobre as fábricas fechadas que uma vez proveram uma vida decente para homens e mulheres de cada raça, e das casas a venda que uma vez pertenceram a americanos de cada religião, cada região, cada caminhada de vida. Dessa vez queremos conversar sobre o fato de que o problema real não é que alguém que não se parece com você pode tomar seu emprego; o problema real é que a corporação para a qual você trabalha vai mandar seu emprego para o estrangeiro por nada mais do que um maior lucro.”

Com essas palavras, Obama justifica uma forma de populismo anticorporativo, ao tempo que procura tornar-se um can-

didato “não-racial”. A realidade é mais cheia de nuances e sutilezas. Ao tomar uma posição pública anticorporativa, Obama aborda o descontentamento da população dos EUA com o estado da economia e o papel das lucrativas corporações na atual recessão. A revolta com oito anos da administração Bush de “camaradagem corporativa”, pilhagem, lucratividade da guerra junto com a crescente desigualdade de riqueza e renda, exemplificada pelo nível obscuro de pagamentos aos executivos, tem transformado até mesmo o mais ardente discípulo republicano do livre mercado num populista econômico. Com a economia beirando o colapso (múltiplas crises em habitação, débito, emprego, inflação, energia, preços da gasolina e saúde pública), a administração de Bush, o candidato republicano à presidência, John McCain, e os republicanos em geral oferecem pouco mais do que máximas desgastadas do livre mercado, travestidas de soluções populistas.⁵⁵

Obama tocou nessa preocupação atacando os lobistas corporativos e sendo o “candidato da mudança.” O mandato e o histórico de Obama no cenário nacional são recentes. Para ser claro: Obama é um liberal, mas nos moldes dos liberais corporativos do Partido Democrata. Suas posições em questões-chave revelam que enquanto ele quer uma “mudança” do estilo Bush de governança, ele não quer mudar a estrutura básica do sistema capitalista nem desafiar a noção de hegemonia mundial dos Estados Unidos. Certamente, isto apenas reflete que o presidente dos EUA é tão-somente o CEO (*chief executive officer*) da América corporativa. Ninguém chega ao ponto onde Obama se encontra sem jurar fidelidade à classe dominante e suas corporações.

No relacionado ao tema do etanol e biocombustível, Obama nada mais é do que um típico político engajado em práticas “clientelistas” (*pork barrel politics*)⁵⁶. Isto é reflexo do fato de que duas das maiores companhias globais de agronegócio localizadas em Illinois, o Estado de Obama, a ADM e a Con-

Agra, têm grande interesse em bio-energia. A ADM é a maior fabricante de etanol dos EUA, fornecendo mais de 1 bilhão de galões em 2006, que respondem por cerca de 23% dos seus lucros e apenas 5% de suas vendas. O etanol é uma das indústrias mais subsidiadas nos EUA. Obama apoiou não apenas a lei agrícola garantindo subsídios ao etanol, como também a manutenção das tarifas de importação de biocombustíveis do Brasil baseados em cana-de-açúcar. Obama apoiou a legislação procurando aumentar a produção de biocombustível para 60 bilhões de galões em 2030, mesmo que o etanol seja um desastre ambiental e energético.⁵⁷ Para manter os subsídios intactos, a ADM, desde 2000, tem destinado 3,7 milhões de dólares para políticos estaduais e federais.

Outro exemplo de como Obama atende aos interesses corporativos em detrimento das necessidades da classe trabalhadora é seu apoio para restringir o uso de ações litigiosas de classe.⁵⁸ Obama apoiou a *Class Action Fairness Act* de 2005 que, contraditando seu nome, limitou severamente a capacidade dos litigantes de entrar com ações classistas para corrigir injustiças sociais. Pam Martens descreve os grupos interessados nessa legislação:

Essa legislação, que enfraqueceu significativamente os direitos dos trabalhadores, os direitos do consumidor e os direitos civis, envolveu cinco anos de pressão de 100 corporações, 475 lobistas, milhões de dólares das corporações para influenciar nosso governo e a participação ativa de firmas de *Wall Street* que agora financiam a campanha de Obama. “*The Civil Justice Reform Group*, uma aliança empresarial abrangendo conselhos de firmas *Fortune 100*, foi decisiva para elaborar a lei de ação classista”, diz *Public Citizen*. Um dos mais dedicados lobistas era o escritório de advocacia *Mayer-Brown*, contratado pelo grupo líder de lobby empresarial, a Câmara de Comércio dos EUA. De acordo com o *Center for Responsive Politics*, a Câmara de Comércio gastou 16 milhões de dólares, em 2003, praticando lobby junto ao governo em várias questões de negócios, inclusive a reforma da lei de ação classista.⁵⁹

Desnecessário dizer que *Mayer-Brown*, cujo quartel-general fica na cidade de Obama, Chicago, contribui com sua candidatura.

Outro exemplo do apoio de Obama a uma agenda com a classe dominante é sua falta de compromisso com uma verdadeira reforma da saúde pública. A saúde pública está em crise nos EUA, com mais de 45 milhões de pessoas sem nenhuma cobertura.⁶⁰

Em 2007, mais de 75 milhões de adultos - 42 % de todos os adultos entre 19 e 64 anos - estavam sem seguro durante o ano ou precariamente segurado, cifra bem acima dos 35 % em 2003. Ao mesmo tempo, os EUA não acompanharam os ganhos em saúde de outros países líderes. Em mortalidade associada a cuidados médicos os EUA ocupam o último lugar entre 19 países, caindo do 15º lugar enquanto outros países melhoraram seu desempenho. Até menos 101.000 pessoas morreriam prematuramente se os EUA pudessem alcançar taxas mais avançadas de referência nacional.⁶¹

Obama não apoia o plano de saúde universal contido na legislação apresentada na Câmara dos Deputados. Sua oposição a um genuíno plano de saúde universal foi contestada pela senadora Hillary Clinton durante as primárias.

Quanto às liberdades civis, Obama recentemente votou a favor de uma legislação que expandiria a capacidade do governo grampear comunicações de telefone e internet sem ordem judicial, em flagrante violação à 4ª Emenda Constitucional, mesmo após declarar explicitamente que se oporia. É incerto o quanto a presidência de Obama poderia restaurar as liberdades civis eliminadas pela administração Bush. Ele tem silenciado sobre a restauração do *habeas corpus* para não-cidadãos e fez apenas breves comentários gerais contrários à tortura aprovada por Bush, Cheney e outros.

Estes são apenas alguns exemplos de como as ações de Obama desmentem sua retórica. O apoio a legislação adversa aos interesses da classe trabalhadora tornou sua candidatura "segura" para as elites. Conforme relatório publicado na revista *Journal of African American Political Thought and Action*: "Evidentemente as gigantes companhias de seguro, de petróleo, as linhas aéreas, *Wall Street*, prestadores de serviços mili-

tares e outros examinaram de perto Barack Obama e o acharam agradável.”⁶²

8 A NOVA FACE DA AMÉRICA

Após sete anos da administração Bush, a posição dos americanos no mundo está em baixa. Numa pesquisa realizada pela *BBC World Service*, de uma população de 26.000 pessoas em 25 países, uma em cada duas pessoas acreditava que os EUA tinham um papel negativo.

A amostra indica que cidadãos do mundo desaprovam o modo que o governo dos EUA conduziu as seis áreas da política exterior - guerra no Iraque (73%), manutenção de detentos em Guantánamo (67%), guerra Israel-Hezbollah (65%), programa nuclear do Irã (60%), aquecimento global (56%) e programa nuclear da Coreia do Norte (54%).⁶⁹

Outras pesquisas mostraram visões similares e desgastadas dos EUA.

Talvez outra razão para a elite apoiar Obama seja a necessidade de uma nova face para a presença dos EUA no mundo. Após a deterioração da imagem dos Estados Unidos, criar uma aparência de que tenham superado sua longa história de racismo poderia amenizar preocupações dos aliados e dos países em desenvolvimento. Obama parece ter cortejado a Europa durante sua recente viagem.⁷⁰ Em tempos difíceis na história americana, os Estados Unidos precisaram mostrar ao mundo que eram a terra da justiça racial e da oportunidade. Mais especificamente, a pouco sutil guerra econômica e as reais forjadas pela política neoliberal, incluindo ações bélicas no Oriente Médio e Ásia Central e ameaça militar a governos latino-americanos que não acatem esta agenda neoliberal, são caracterizadas como novo colonialismo, revivendo o medo e a realidade da dominação européia e norte-americana dos povos de cor ao redor do mundo.⁶⁵ Poderia a eleição de um afro-americano

modificar essa percepção, se não a própria realidade?

Essa não seria a primeira vez que a classe dominante adotou políticas com o propósito de propaganda, desde que estas não ameacem essencialmente suas regras. Por exemplo, a gestão do presidente Kennedy monitorou a cobertura da imprensa estrangeira da prisão de King em Birmingham, Alabama, em 1963. Havia uma preocupação generalizada com o uso propagandístico das lutas por direitos civis pela União Soviética em toda a África.⁶⁶ Possivelmente, a iniciativa do *Civil Rights Act* e *Voting Rights Act* era melhorar a posição dos EUA no mundo. Com certeza isto foi considerado.

9 CONCLUSÃO

Com a morte de Martin Luther King, Jr. o movimento pelos direitos civis não se transformou em um movimento contra o imperialismo e pela liberação dos negros. Neste ano, foram desencadeadas forças reacionárias que liderariam um forte contra-ataque não apenas aos movimentos antiimperialistas e de liberação dos negros, mas também ao de liberação feminina. Tais forças reacionárias, a pretexto de “direitos dos Estados” ou “lei e ordem”, exploraram os medos da classe trabalhadora branca acerca da economia (em particular, a perda de empregos fabris bem remunerados, o que continua até hoje) e, talvez mais importante, da perda de controle sobre suas vidas, manifestado pelo movimento contrário ao transporte escolar e à ação afirmativa. Nixon, Reagan, Bush I e Bush II clinicamente usaram essa reação da classe trabalhadora branca para fins eleitorais e para impulsionar uma agenda que, na realidade, foi e é hostil aos interesses da classe trabalhadora branca e negra.⁶⁷ A “estratégia sulista” e as que a seguiram, como no caso das lutas por aborto e direitos *gay*, foram decisivas para trazer a direita ao poder nos EUA.

Todavia explorar essas forças reacionárias é mais que uma

estratégia eleitoral. O próprio conceito de discriminação racial foi colocado em discussão, isto é, os chamados conservadores procuram argumentar que o fator raça deixou de influir na realização de oportunidades; o campo de jogo está nivelado. A “papainoelização” de Martin Luther King é mais que uma tentativa de torná-lo um ícone não ameaçador, mas parte de uma estratégia para menosprezar seu verdadeiro legado e a tendência antiimperialista e de justiça econômica. Menosprezando a raça como um fator-chave nas altas taxas de pobreza, desemprego, encarceramento ou baixo nível educacional entre os negros, a direita pode usar novamente o velho ardid de falha pessoal; assim mitiga a responsabilidade dos brancos pela atual situação econômica e social da América negra. Isto elimina a necessidade de qualquer explicação sobre como a extraordinária riqueza dos EUA foi construída com base na escravidão e como todos os americanos se beneficiaram deste legado, obviamente em diferentes graus. E também elimina a necessidade de qualquer esforço consciente para remediar o legado de escravidão e *apartheid* expresso no fato de que os americanos negros *vis-à-vis* americanos brancos não estão melhores que em 1968. Um exemplo de grandes proclamações sem qualquer mudança substancial é a Resolução 194 aprovada em 29 de julho de 2008 pela Câmara dos Deputados desculpando-se pelas leis de escravidão e segregação racial:

A Câmara dos Deputados resolve,

1. reconhecer que a escravidão é incompatível com os princípios básicos fundamentais reconhecidos na Declaração de Independência de que todos os homens são criados iguais;
2. reconhecer a injustiça fundamental, crueldade, brutalidade e a desumanidade da escravidão e das leis *Jim Crow*;
3. desculpar-se com os afro-americanos em nome do povo dos Estados Unidos pelos erros cometidos contra eles e seus ancestrais que sofreram sob a escravidão e as leis *Jim Crow*;
4. expressar seu compromisso em retificar as conseqüências remanescentes de crimes cometidos contra afro-americanos sob escravidão e as leis *Jim Crow* e parar a ocorrência de violações de direitos humanos no futuro.

Deve-se observar que a resolução não está anexada a uma legislação oferecendo qualquer forma de reparação ao legado de escravidão e segregação racial.

O pronunciamento de Barack Obama é a continuidade desta visão “daltônica” sobre a América. Ao tempo em que homenageia o movimento pelos direitos civis, claramente oferece uma visão não-racial dos EUA, alinhada com a perspectiva conservadora. Por fim, um político negro pode absolver a América da culpa pelo legado de escravidão e da segregação. Obama não ameaça a América branca confirmando a visão de que os EUA são agora racialmente neutros. Afinal, se os EUA têm um presidente negro, isto não significa verdadeira igualdade de oportunidades?

Obama está se apresentando como racialmente neutro. Sua linguagem de populismo econômico repercute o anseio das pessoas. Sua injeção de esperança em meio ao intenso cinismo da classe política reflete a aspiração do movimento pelos direitos civis sem a sua substância. Certamente a plataforma de Obama expressa sua lealdade ao *status quo*, particularmente o capitalismo neoliberal do “livre mercado”. Como mostra o exame dos patrocinadores da sua candidatura, Obama representa um segmento da classe dominante que quer governar com menos transparência que a administração Bush, isto é, uma regra mais oculta que a regra corporativa abertamente exposta por Bush.

É óbvio que existem divisões na classe dominante. Diferentes segmentos possuem diferentes abordagens para manutenção da sua regra. É claro que a classe dominante irá tolerar um presidente negro enquanto não existir ameaça para a atual agenda corporativa de privatização, concentração de riqueza, “livre comércio” e hegemonia militar dos EUA. Obama atende às condições atuais dos EUA, em particular a necessidade de reafirmar sua dominância mundial quando a opção militar não teve sucesso.

Embora Obama não seja capaz de realizar a mudança proposta no discurso, isso não significa que a eleição de um presidente afro-americano não trará mudanças. É freqüentemente verdade que eventos momentâneos trarão resultados não previstos e inesperados – a invasão do Iraque pelos EUA trouxe muitas mudanças no Oriente Médio, algumas esperadas, outras não previstas. A presidência de Obama causará certos realinhamentos nas forças dos EUA, fortalecendo alguns setores da classe dominante (agronegócio, financeiro, produção alternativa de energia) e, talvez, enfraquecendo outros (petróleo, indústrias de transformação) enquanto não ameaçar as relações fundamentais entre trabalho e capital.

Existe um resultado mais efêmero que a presidência de Obama poderia trazer. Assim como a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva para presidente do Brasil liberou certas forças ao renovar a confiança da classe trabalhadora e dos movimentos sociais (mesmo sem muitas mudanças reais para a sociedade brasileira), a eleição de Obama pode trazer nova esperança e confiança aos movimentos sociais de negros, latinos e mulheres. O “direito” desses grupos de fazer reivindicações a um presidente negro não pode ser considerado uma trivialidade. Ter “um dos nossos” na Casa Branca não é apenas motivo de orgulho, mas pode ser um ímpeto para a ação. Como de costume, será da classe trabalhadora multirracial, étnica, a responsabilidade de forjar um movimento de pressão a Obama de modo a preencher as expectativas que sua eleição irá inevitavelmente desencadear.

Traduzido por André Martins da Matta Evangelista

REFERÊNCIAS

BLACKMON, Douglas A. *Slavery by another name: the re-enslavement of black americans from the Civil War to World War II*. New York: Doubleday, 2008.

BOYD, James. Nixon's southern strategy: it's all in the charts. *The New York Times*, May 17, 1970.

BRANCH, Taylor. *Parting the waters: America in the king years, 1954-63*. New York: Simon & Schuster, 1988.

_____. *Pillar of fire: America in the king years, 1963-65*. New York: Simon & Schuster, 1998.

_____. *At Canaan's edge: America in the king years, 1965-68*. New York: Simon & Schuster, 2006.

ERLANGER, Steven. Obama, vague on issues, pleases crowd in Europe. *The New York Times*, July 25, 2008.

FARAM, Mark D. 4th Fleet could return to Central, South America. *NavyTimes*, Jan. 5, 2008.

FORMAN, James. *The making of black revolutionaries*. Washington: Open Hand Publishing: 1985; 1997.

FRANK, Joshua. Just another corporate candidate? Obama, Incorporated. *CounterPunch*, May 1, 2008.

FRANK, Thomas. *What's the matter with Kansas? How conservatives won the heart of America*. New York: Macmillan Press, 2004.

GOODELL, Jeff. Ethanol scam: one of America's biggest political boondoggles. *Rolling Stone*, issue 1032, Aug. 2007.

GROSSMAN, James R.; KEATING, Ann Durkin; REIFF, Janice L. *The Encyclopedia of Chicago*. Chicago: The University of Chicago Press, 2004.

JEWELL, Elizabeth J.; ABATE, Frank (Eds.). *The New Oxford American Dictionary*. New York: Oxford University Press, 2001.

KING JR., Martin Luther. *Beyond Vietnam: a time to break silence*. Disponível em: <<http://www.hartford-hwp.com/archives/45a/058.html>>; <<http://www.americanrhetoric.com/speeches/mlkatimetobreaksilence.htm>>.

LENIN, V. I. *The State and the revolution*. Selected works in three volumes, Moscow: Progress Publishers, 1970. v.2.

MARTENS, Pamela. Obama's money cartel. *CounterPunch*, May 5, 2008a. Disponível em: <<http://www.counterpunch.org/martens05052008.html>>.

_____. The Obama bubble agenda. *CounterPunch*, May 6, 2008b. Disponível em: <<http://www.counterpunch.org/martens05062008.html>>.

MARX, Karl. *Wages, prices and profits*. Peking: Foreign Language Press, 1973.

MOHAMMAD, Dedrick. *40 years later: the unrealized American dream*. The Institute of Policy Studies, Apr. 2008. Disponível em: <<http://www.ips-dc.org/reports/#249>>.

MOSK, Matthew; MACGILLIS, Alec. Big donors among Obama's grass roots. *Washington Post*, Apr. 11, 2008.

NAGOURNEY, Adam; ZELENY, Jeff. Obama forgoes public funds in first for major candidate. *The New York Times*, June. 20, 2008.

POWELL, Michael; SAULNY, Susan. Obama returns to economy as McCain assails foreign tour. *The New York Times*, July. 25, 2008.

RANSOM, Roger L. *The economics of the civil war*. Edited by Robert Whaples. California: University of California, Riverside, 2001. Disponível em: <<http://eh.net/encyclopedia/article/ransom.civil.war.us>>.

REPORT OF THE NATIONAL ADVISORY COMMISSION ON CIVIL DISORDERS. New York: Bantam Books, 1968.

SMILEY, Tavis. *Transcript of interview with Cornell West*. Disponível em: <<http://www.pbs.org/kcet/tavissmiley/archive/200701/20070112.html>>.

NOTAS

¹ O “terceiro trilho” refere-se ao sistema subterrâneo de trilhos eletrificados. Em política, a referência é para assuntos considerados muito perigosos para modificar ou discutir.

² A grande mídia e críticos conservadores acusaram o Reverendo Wright de racismo antibranco e sentimentos não patrióticos em seus sermões. Claro que uns poucos segmentos podem sempre distorcer o conteúdo de um discurso inteiro. Mas não percebem que os sermões do Reverendo Wright estão no centro do ethos religioso afro-americano e certamente são menos caústicos que aqueles de Martin Luther King Jr., agora um ícone de liberais e conservadores na América. O fato de tão poucos comentaristas brancos terem qualquer conhecimento da ideologia e do ponto de vista das igrejas afro-americanas dá nova credibilidade à observação, freqüentemente atribuída a King e referenciada no discurso de Obama, de que a hora mais segregada da América ocorre nas manhãs de domingo.

³ Parágrafos recuados e aspeados são transcritos do pronunciamento de Obama e podem ser encontrados em numerosos sites, tais como: <http://www.cbsnews.com/stories/2008/03/18/politics/main3947908.shtml> ou <http://www.msnbc.msn.com/id/23690567/>. No Google, ver Obama March 18 speech, inclusive um vídeo completo no You Tube.

⁴ Esta frase de abertura do discurso de Obama é a mesma do preâmbulo da Constituição dos EUA.

⁵ Um livro lançado recentemente defende que a escravidão nos Estados Unidos existiu até o fim da Segunda Guerra Mundial. Douglas A. Blackmon, em *Slavery By Another Name: The Re-Enslavement of Black Americans From the Civil War to World War II* (2008), descreve como os homens negros no sul americano foram condenados por pequenos crimes (jogo, vagabundagem) e colocados na indústria privada - minas, fábricas, campos etc. - em condições de escravidão e tortura para pagar multas e taxas de tais condenações. Blackmon informa que esse processo foi legal até 1951, quase noventa anos após a “Proclamação Emancipatória”.

⁶ Informação do site do National Archives: <http://www.archives.gov/education/lessons/blacks-civil-war/>

⁷ O capital total sulista, fortemente investido em escravos agora desvalorizados, encolheu 46%, enquanto o capital nortista cresceu 50%. Em 1860, os estados escravistas detinham 30% da riqueza total dos EUA; em 1870 este percentual tinha caído para 12%. Estas estatísticas assim como as do texto são oriundas de várias fontes e foram resumidas no site [The History.com](http://TheHistory.com).

⁸ Os estados de Massachusetts e Pensilvânia sozinhos produziram mais bens manufaturados que toda a Confederação. O sul podia produzir comida suficiente para alimentar a si mesmo, mas não tinha meios de transportá-la. Em 1860, havia no sul somente 9.000 milhas (14.481 km) do total de 31.000 milhas (49.879 km) de trilhos de trem e os engenheiros sulistas tinham construído apenas nove das 470 locomotivas existentes. As vantagens da União em produção industrial, organização e força de trabalho foram decisivas na sua vitória. Uma análise interessante da política econômica da Guerra Civil pode ser encontrada em Roger Ransom, *The Economics of the Civil War*, reproduzida em *EH.Net Encyclopedia*, editada por Robert Whaples. 25 de agosto de 2001. Disponível em: <http://eh.net/encyclopedia/article/ransom.civil.war.us>.

⁹ A guerra contra a população nativa no que veio a ser os Estados Unidos começou com

os primeiros colonizadores europeus. Todavia, após a Guerra Civil, a guerra aos povos nativos intensificou-se, particularmente, com a resistência de tribos nas planícies e no sudoeste. Na verdade, esta guerra não cessou, uma vez que a dominação cultural e econômica dos nativos continua ainda hoje. Possivelmente, a última grande ação militar contra os nativo-americanos foi o Massacre em Wounded Knee (1890), na reserva indígena Pine Ridge, Dakota do Sul. Nesse massacre, as Forças Armadas dos EUA mataram 178 homens, mulheres e crianças da tribo Lakota Sioux (outras 89 foram feridas e 150 desapareceram, acredita-se que fugiram e, provavelmente, morreram congeladas). Durante a Guerra Hispano-Americana (1846-1848), os Estados Unidos ocuparam o sudoeste (atuais estados do Texas, Colorado, Novo México, Arizona, Utah, Nevada e Califórnia).

¹⁰ Antes da Guerra Civil, os EUA eram o quarto país em produção industrial no mundo. Em 1850, sua produção de ferro e aço era irrisória. Em 1870, produziu um terço da quantidade de aço produzida pela Grã-Bretanha (2,3 a 6,9 milhões de toneladas) e, em 1900, tinha ultrapassado o resto do mundo na produção do aço (29,8 milhões de toneladas). Possivelmente, os imensos lucros gerados pela Guerra Civil produziram suficiente capital interno para financiar a massiva expansão industrial pós-guerra.

¹¹ O período entre 1865 (fim da Guerra Civil) e 1877 é conhecido como “Reconstrução”. Nesse período, escravos negros livres fizeram progresso substancial em afirmar seus direitos civis, incluindo voto e acesso a cargos eletivos. Muitos estados sulistas elegeram governadores e deputados republicanos. Democratas sulistas voltaram a usar o terrorismo para intimidar negros e brancos simpatizantes de exercerem esses direitos. A traição da Reconstrução ocorreu em 1877, quando o presidente Rutherford Hayes retirou as tropas federais do sul, permitindo que organizações paramilitares brancas operassem impunemente.

¹² “40 acres e uma mula” era a compensação a ser paga a cada escravo libertado para iniciar sua vida como pessoa livre. A promessa foi feita originalmente pelo general William T. Sherman no Special Field Orders, nº 15, de 16 de janeiro de 1865 como meio de sobrevivência dos escravos libertos e ratificada pelo Congresso (Senate Bill No. 60, 5 de janeiro de 1866). Obviamente, essa promessa nunca foi cumprida de maneira significativa e permanece parte do movimento por indenizações pela escravidão.

¹³ Parceria era o sistema em que uma pessoa alugava a terra, comprava as sementes, fertilizantes e outros insumos agrícolas com crédito e pagava essas obrigações dando ao dono da terra uma porcentagem da colheita. Na realidade, o parceiro ficava em constante débito e era praticamente um vassalo no sistema econômico neofeudal.

¹⁴ A expressão “Jim Crow” tem origem na canção de um show menestrel (performances mostrando negros de forma estereotipada) em que o sujeito da música obedecia a comandos do cantor para pular, girar, etc.

¹⁵ A Suprema Corte dos EUA deu *status* oficial à doutrina “separado, mas igual” em sua decisão de 1896 (Plessy v. Ferguson, 163 U.S. 537, 559, 16 S.Ct. 1138, 41 L.Ed. 256). Em Plessy, a Suprema Corte apoiou esta doutrina que permitiu a segregação racial. Tal regra legalizou o *apartheid* americano conhecido como “Jim Crow.”

¹⁶ Brown v. Board of Education, 347 U.S. 483, 74 S.Ct. 686, 38 A.L.R.2d 1180, 98 L.Ed. 873 (1954) foi um caso histórico no qual a Suprema Corte invalidou a doutrina “separado, mas igual” com a conclusão de que a educação separada de raças nunca poderia ser igual. Acredita-se que esse caso foi o estímulo legal do Movimento pelos Direitos Civis, todavia, dentro da comunidade negra, a luta pelos direitos civis nunca cessou. Ver Branch (1988).

¹⁷ Pouco discutido ou lembrado, o Massacre de Orangeburg ocorreu em 8 de fevereiro de 1968 quando nove oficiais da polícia abriram fogo contra estudantes desarmados que faziam uma demonstração contra o *apartheid* em um boliche. Três estudantes foram mortos e 27 feridos. Nenhum dos oficiais envolvidos foi condenado, apesar do líder da demonstração ser acusado e condenado de incitar um motim. Cleveland Sellers era membro do Student Nonviolent Coordinating Committee (SNCC), organização responsável pela maioria das lutas pelos direitos civis no sul.

¹⁸ Em 1960 houve sucessivas ondas do que foi denominado de motins ou perturbações civis – Los Angeles, 1965; Chicago, 1966, Detroit e Newark, 1967; e mais de 100 cidades em 1968. Muitos afro-americanos viram esses “motins” como insurgências contra o *apartheid*. Em 1968, a Comissão Kerner divulgou sua análise sobre as perturbações civis e concluiu que os EUA estavam “movendo-se para duas sociedades, uma negra e uma branca, separadas e desiguais”.

¹⁹ Para uma análise compreensiva de King e o Movimento pelos Direitos Civis, recomendo o conjunto de três volumes de Taylor Branch, vencedor do Prêmio Pulitzer, citado nas referências.

²⁰ Como evidências dessas lutas, as eleições presidenciais de 2000 e 2004 foram caracterizadas por negar o direito de voto às minorias, mediante esquemas de apagar nomes das listas eleitorais e outros métodos para impedir o acesso de negros e latinos às urnas. Recentemente, muitos estados aprovaram leis de identificação do eleitor, obrigando-o a apresentar documento emitido pelo governo. Essas leis foram apoiadas por legisladores republicanos e destinam-se a evitar fraudes dos eleitores – fraudes cuja existência nunca foi demonstrada. Uma vez que eleitores idosos e de minorias são menos propensos a terem esse tipo de identificação, pois sua aquisição requer outros documentos difíceis ou impossíveis de obter, e freqüentemente não possuem dinheiro para tal, o resultado é a negação do direito de voto a esses cidadãos. Como estes votam normalmente nos democratas, o efeito real é a redução dos eleitores para candidatos do Partido Democrata. A Suprema Corte dos EUA apoiou recentemente uma lei desse tipo em Indiana alegando que o estado tinha interesse legítimo nesse tipo de identificação para prevenir fraudes dos eleitores, embora nenhum caso de fraude tenha sido citado pela Corte. Ver *Crawford v. Marion County Election Bd.*, 128 S.Ct. 1610 (28 de abril de 2008).

²¹ Em 12 de dezembro de 2007 numa entrevista no programa de televisão Tavis Smiley, Cornel West (professor de religião na Universidade Princeton) descreveu a iconização de Martin Luther King. West afirmou que “... Martin tem sido tão domesticado e domado e difamado, você sabe, o que nós chamamos de Papai Noelização do irmão. ... Ele tornou-se apenas um velho pequeno e legal com um sorriso e brinquedos em seu saco, não uma ameaça a ninguém, como se seu compromisso fundamental ao amor incondicional e verdade desarmada não trouxessem certos tipos de pressão ao status quo. Então o status quo é tão confortável que é conveniente fazer isso ao invés de reconhecê-lo pelo que ele foi, inclusive o FBI disse, “o homem mais perigoso na América”. Transcrição completa disponível em <http://www.pbs.org/kcet/tavissmiley/archive/200701/20070112.html>.

²² King foi objeto de intensa vigilância e assédio do governo, em particular por J. Edgar Hoover e o FBI. Taylor Branch detalha a campanha do governo dos EUA contra King.

²³ O texto completo encontra-se disponível em <http://www.hartford-hwp.com/archives/45a/058.html> ou <http://www.americanrhetoric.com/speeches/mlkatimetobreaksilence.htm>.

²⁴ No momento de seu assassinato, King estava em Memphis apoiando uma greve dos trabalhadores de saneamento. Este tipo de ação foi criticado por muitos de seus “patrocinadores liberais” que se opunham às atividades de apoio à classe trabalhadora – preta ou branca. Ver Branch (2006).

²⁵ Esta transformação é descrita brilhantemente em Forman (1985; 1997).

²⁶ Ver, por exemplo, a discussão da Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Relacionadas. Durban, África do Sul, em 2001. Disponível em <http://www.un.org/WCAR/pressreleases/rd-d24.html>.

²⁷ O caso jurídico original que restringiu a ação afirmativa foi *Regents of the University of California v. Bakke*, 438 U.S. 265 (1978). Esta decisão marcante da Suprema Corte barrou a admissão de estudantes, mas afirmou a constitucionalidade dos programas de ação afirmativa, dando acesso igual às minorias. No caso *Grutter v. Bollinger*, 539 U.S. 306 (2003), a Suprema Corte dos EUA manteve as admissões na Universidade de Direito de Michigan com base na política de ação afirmativa.

²⁸ A intensa raiva de pais brancos acerca do transporte escolar tornou-se um fator-chave para a implantação da “estratégia sulista”.

²⁹ Nominalmente, “direitos dos estados” é uma postura que limita o papel do governo federal e confere maior poder aos estados. Tecnicamente, a Guerra Civil foi de fato uma guerra contra os “direitos dos estados”, neste caso o direito de um estado isoladamente autorizar a escravidão. Todavia, o termo tornou-se um código conhecido de apoio à segregação ou contra os direitos civis e a ação afirmativa.

³⁰ Entre 1916 e 1970, aproximadamente 7 milhões de negros deixaram os históricos estados confederados. Por exemplo, em Chicago, Illinois, a população negra passou de 278.000 em 1940 para 813.000 em 1960 (Grossman, Keating and Reiff, 2004).

³¹ A expressão “complexo militar-industrial” é frequentemente atribuída ao presidente Dwight Eisenhower, que afirmou no seu discurso de despedida, em 1961: “Essa conjunção de um imenso estabelecimento militar e a grande indústria de armas é nova na experiência americana. A influência total – econômica, política, até mesmo espiritual – é sentida em cada cidade, cada sede do governo estadual, cada escritório do governo federal. Reconhecemos a necessidade imperativa desse desenvolvimento. Não podemos falhar em compreender suas graves implicações. Nossa labuta, recursos e subsistência estão todos envolvidos; assim como a verdadeira estrutura de nossa sociedade. Nos conselhos de governo, precisamos nos proteger contra a obtenção pelo complexo militar-industrial de influência desnecessária, procurada ou não. O potencial para um desastroso aumento de forças mal empregadas existe e persistirá. Nunca devemos permitir que o peso dessa combinação coloque em risco nossas liberdades ou processos democráticos. Não devemos tomar nada como garantido. Somente uma cidadania alerta e consciente pode compelir a articulação adequada da enorme máquina industrial e militar de defesa com nossos métodos pacíficos e nossos objetivos, de maneira que segurança e liberdade possam prosperar juntas.”

³² Cabe lembrar que Johnson fez propaganda no norte, sugerindo que Goldwater estava associado com a milícia racista Ku Klux Klan, e no sul, revelando o antigo apoio de Goldwater à legislação dos direitos civis.

³³ Em uma reviravolta interessante, Phillips tornou-se um dos mais causticos e ferozes

RAÇA E ELEIÇÃO NOS EUA: COMENTÁRIO

AO PRONUNCIAMENTO DE OBAMA

críticos dos neoconservadores, de uma maneira geral, e da administração de George W. Bush, em particular. Ele escreveu diversos livros: *Wealth and Democracy: A Political History of the American Rich* (2002) traz uma análise do crescimento da disparidade entre riqueza e renda e seus impactos na classe média americana; *American Dynasty: Aristocracy, Fortune and the Politics of Deceit in the House of Bush* (2004) é uma crônica da dinastia Bush; *American Theocracy: The Peril and Politics of Radical Religion, Oil and Borrowed Money* (2006) apresenta um visãõ ameaçadora do extremismo ideológico, irresponsabilidade fiscal catastrófica, cobiça desenfreada e miopia perigosa; *Bad Money: Reckless Finance, Failed Politics, and the Global Crisis of American Capitalism* (2007) descreve como o capitalismo financeiro substituiu o capitalismo fabril e as ramificações da atual crise de habitação, débito e petróleo.

³⁴ Todas as citações e análises referentes a Phillips são de Boyd (1970).

³⁵ The Great Society denomina os programas sociais de Johnson para aliviar a pobreza (subsídios à habitação, programas de nutrição, tais como café-da-manhã antes da aula, bolsa-escola, programas de educação pré-escolar), combater o racismo (organização da comunidade e programas de desenvolvimento e transporte escolar) e fortalecer a rede de segurança econômica, mediante programas de bem-estar, seguro-desemprego e treinamento profissional. Implantados durante o rápido aumento dos gastos na Guerra do Vietnã, esses programas foram, e continuam sendo, o alvo de conservadores.

³⁶ Uma análise interessante do fenômeno do voto da classe trabalhadora branca contra seus interesses econômicos encontra-se em Thomas Frank's *What's the Matter with Kansas? How Conservatives Won the Heart of America* (2004). O autor detalha como os representantes de Kansas votaram nos republicanos baseados em questões sociais, tais como: aborto, direitos e casamento gay, quando as políticas econômicas republicanas eram contrárias aos seus interesses.

³⁷ Durante a Reconstrução dois senadores negros elegeram-se (Blanche K. Bruce and Hiram Revels, ambos do Mississippi), quando muitos brancos sulistas foram desincompatibilizados para participar na Guerra Civil em nome da Confederação. De acordo com a Constituição dos EUA, membros da Câmara dos Deputados são eleitos por distritos com cerca de 700.000 habitantes e senadores são eleitos por estado. Muitos dos distritos que elegeram latinos e negros têm maioria de negros ou latinos. Não existem estados com maioria de residentes negros. Cada estado possui dois senadores independentemente da população. Assim, existem vários estados com apenas um deputado e dois senadores.

³⁸ Braun, a única mulher negra eleita a um cargo nacional, teve somente um mandato e foi vítima de campanha racista, relacionando-a com corrupção e um ditador africano (cuja esposa dividia o quarto com ela na época de estudante).

³⁹ David Patterson, atual governador de Nova Iorque, assumiu o cargo quando Elliott Spitzer renunciou.

⁴⁰ Dedrick Mohammad. *40 Years Later: The Unrealized American Dream*. The Institute of Policy Studies, April 2008, p. 8. De agora em diante o documento é citado apenas como "40 Year Later". A maioria das estatísticas é do USA Census Bureau, todavia, a lista completa esta disponível nesse documento. Todas as estatísticas neste e no parágrafo seguinte são desta fonte.

⁴¹ *One in a Hundred: Behind Bars in America 2008*. Pew Center on the States (the Pew Charitable Trust), 2008. Disponível em <http://www.pewcenteronthestates.org/uploads/Files/One%20in%20100.pdf>.

⁴² The New York Times, 6 de maio de 2008.

⁴³ Targeting Blacks: Drug Law Enforcement and Race in the United States, Human Rights Watch, 2008. Disponível em <http://www.hrw.org/reports/2008/us0508/us0508web.pdf>. Existe uma literatura substancial que mostra a participação da CIA no tráfico de drogas desde a heroína na Guerra do Vietnã até a epidemia de crack e cocaína dos anos 1980 e o ópio no Afeganistão hoje em dia.

⁴⁴ Para uma excelente análise do papel do relativismo econômico ver Marx, Salário, preço e lucro.

⁴⁵ Nagourney e Zeleny (2008). Sob regras eleitorais bizantinas, Obama poderia receber aproximadamente 84 milhões de dólares em financiamento público de campanha. Para aceitar esse financiamento, não poderia arrecadar dinheiro junto ao público, apesar do Partido Democrático poder levantar fundos para propaganda etc., em seu nome e o “Grupo dos 527” (denominado conforme o código do imposto de renda) poder gastar fundos ilimitados no item propaganda que não estivesse diretamente em apoio a um candidato.

⁴⁶ *Bundlers* são pessoas que reúnem contribuintes, freqüentemente da mesma empresa, indústria ou região geográfica, para ter um maior impacto sobre um candidato. As leis eleitorais dos EUA, indivíduos e corporações limitam a contribuição ao máximo de 2.300 dólares por candidato para cada ciclo da campanha eleitoral (primárias e eleições gerais). *Bundlers* intermediam estas contribuições para obter favores e ter acesso ao candidato.

⁴⁷ Mosk e MacGillis (2008).

⁴⁸ Idem

⁴⁹ Frank (2008).

⁵⁰ Martens (2008a). As estatísticas citadas nesse artigo são do Center for Responsive Politics (<http://www.opensecrets.org/>) que faz o difícil trabalho de compilar informações sobre cada candidato junto a Comissão Federal Eleitoral.

⁵¹ Idem. Citando informação do U.S. Equal Employment Opportunity Commission.

⁵² Esse truque baseia-se no conhecido Standardized Industrial Codes (SIC), código que cada empresa deve optar na declaração do imposto de renda. A empresa preenche o formulário como “escritório de direito” ao invés de “lobbista”, ainda que a maioria da sua receita venha desta atividade. Ver Martens (2008a).

⁵³ Martens (2008b).

⁵⁴ Em Chicago, na recente UNITY Convention, reunião de 2.500 jornalistas negros, Obama esquivou-se da pergunta se os EUA deveriam pedir desculpas aos nativo-americanos e indenizar os descendentes de escravos. “Não existe dúvida que quando se trata do nosso tratamento aos nativo-americanos assim como a outras pessoas de cor nesse país,” disse Obama, “temos coisas muito tristes e difíceis para lidar. A melhor indenização que podemos fornecer são boas escolas no centro da cidade e trabalho aos desempregados.” Powell e Saulny (2008).

⁵⁵ Numa palestra em Nova Iorque, McCain disse: “Eu acredito que se precisa de uma extensa e completa investigação dos especuladores para descobrir se a especulação tem

RAÇA E ELEIÇÃO NOS EUA: COMENTÁRIO

AO PRONUNCIAMENTO DE OBAMA

ocorrido e, se ocorreu, o quanto afetou o preço do barril de petróleo". Em resposta à reclamação de que os investidores estavam aumentando o preço do petróleo e outras commodities falou: "Existe uma porção de coisas que precisa de mais transparência e, conseqüentemente, supervisão." *The New York Sun*, 13 de junho de 2008.

⁵⁶ Esta expressão refere-se à prática de políticos para aprovar projetos que favoreçam seus distritos ou estados, normalmente mediante contratos ou doações federais. A referência significa que o projeto não é necessário ou que os recursos são excessivos para os benefícios a serem recebidos pelo público.

⁵⁷ "O milho é a cultura mais subsidiada nos EUA, com um total de 51 bilhões de dólares em ajudas federais entre 1995 e 2005 – o dobro dos subsídios ao trigo e o quádruplo à soja. O etanol é impulsionado pelos maiores subsídios, incluindo 51 centavos de dólar por galão às refinarias. Um estudo feito pelo International Institute for Sustainable Development identificou que os subsídios ao etanol chegam a 1,38 dólar por galão – cerca de metade do preço bruto de mercado [naquele momento]. No Brasil, o etanol da cana-de-açúcar tem um balanço energético de 8/1, quer dizer, quando se adiciona os combustíveis fósseis usados para irrigar, fertilizar, crescer, transportar e refinar cana-de-açúcar em etanol, a energia produzida é oito vezes maior que a energia consumida. Isso é um negócio melhor que a gasolina, cujo balanço energético é de 5/1. Em contraste, o balanço energético do etanol de milho é de somente 1,3/1, tornando-o uma fonte de energia praticamente sem valor. 'Etanol de milho é essencialmente um modo de reciclar gás natural,' diz Robert Rapier, um engenheiro da indústria de petróleo que conduz o blog R-Squared Energy Blog." Goodell (2007).

⁵⁸ Ação litigiosa de classe é um procedimento assegurado por leis federais e estaduais que permite instaurar processos em nome de pessoas prejudicadas por uma corporação, grupo de corporações ou indústria. É freqüentemente usada tanto para compensar os prejudicados, como para interromper as ações danosas e/ou punir os que agem de forma errada. A ação classista é adotada, por exemplo, para indenizar danos ambientais causados por uma indústria que não apenas prejudicou a saúde de um grupo de indivíduos, mas também o meio ambiente, como no caso da poluição de águas subterrâneas por um fabricante de produtos químicos.

⁵⁹ "Sob o Class Action Fairness Act of 2005 é negado ao cidadão o direito ao uso da corte de seu próprio estado para resolver ações de classe contra empresas que violam os direitos trabalhistas e os direitos civis, mesmo quando a empresa possui centenas de empregados naquele estado. Transferir esses casos jurídicos para a corte federal atrasará e possivelmente dificultará a justiça para os trabalhadores e as vítimas de discriminação. As cortes federais estão sobrecarregadas e são menos propensas a reconhecer litígios de classe ou violações de leis estaduais". Afirmação de mais de 40 organizações de direitos civis e trabalhistas, incluindo NAACP (National Association for the Advancement of Colored People), Lawyers Committee for Civil Rights Under Law, Human Rights Campaign, American Civil Liberties Union, Center for Justice and Democracy, Legal Momentum (antes NOW [National Organization for Women] Legal Defense and Education Fund), e Alliance for Justice. Martens (2008a e 2008b).

⁶⁰ United States Census Bureau. Disponível em <http://www.census.gov/hhes/www/hl-thins/hlthin07.html>.

⁶¹ National Scorecard on U.S. Health System Performance, The Commonwealth Fund Commission on a High Performance Health System. 2008. Disponível em http://www.commonwealthfund.org/publications/publications_show.htm?doc_id=692682.

⁶² Martens (2008b).

⁶³ World View of U.S. Goes From Bad to Worse, BBC World Service Poll, 23 de janeiro de 2007. http://news.bbc.co.uk/1/shared/bsp/hi/pdfs/23_01_07_us_poll.pdf

⁶⁴ Erlanger (2008).

⁶⁵ O retorno da Quarta Frota para patrulhar a América Latina (Faram, 2008) e a tentativa de golpe para derrubar Hugo Chavez na Venezuela, em 2002, evidenciam que os EUA não hesitarão em usar a força militar no Continente.

⁶⁶ Branch (1988 pp.:783, 787, 807).

⁶⁷ Clinton também explorou a reação branca, mostrando que não estava preso à mentalidade do “grupo de interesse” do Partido Democrata. Em particular, Clinton pretendeu demonstrar aos eleitores brancos que sua agenda não poderia ser controlada pela “Ala Jesse Jackson”, apesar do esmagador apoio dos afro-americanos tanto a ele quanto ao partido. Obviamente, Clinton vestiu o manto de “primeiro presidente negro,” que lhe foi atribuído mais por sua postura que por suas políticas, as quais feriram fortemente os interesses negros. Sua “reforma do bem-estar” deixou muitas famílias negras destituídas de meios e oportunidades de emprego.